

O INDÍGENA E O EUROPEU EM PORTO SEGURO, BAHIA: UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA

*Carlos Etchevarne**

RESUMO

Diferentes aspectos referentes à presença do colonizador europeu, em território do Porto Seguro, podem ser estudados através dos vestígios arqueológicos, confirmando, complementando ou aportando novos dados aos conhecidos através das fontes escritas. Os restos materiais dos primeiros momentos de ocupação colonial podem ser encontrados isoladamente ou em associação com material de origem indígena. Em muitos aspectos eles se diferenciam de forma marcada, chegando às vezes, a se oporem drasticamente. A forma de apropriação dos recursos do ambiente é um exemplo. Em outros, como a ocupação do espaço, pode existir proximidade de padrões, quando não coincidências. Por outro lado, do ponto de vista temporal, os vestígios nos permitem entender a cronologia dos momentos de ocupação colonial do território, revelando uma ocupação fundamentalmente litorânea desde a chegada do português até final do século XVIII, e outra, mais tardia, que se interioriza no território, a partir do século XIX.

Palavras-chave: Bahia, Brasil,
Arqueologia Colonial.

ABSTRACT

Different aspects related to European presence in Porto Seguro region can be inferred from archaeological record confirming previous data, adding to or complementing the literature in the area. Material remains of the first years of colonizing occupation can be found isolated

* Professor do Departamento de Antropologia, FFCH/UFBA.

or associated with indigenous material. In many aspects they differ remarkably reaching drastic opposition, such as the way natural resources are employed. In other aspects, such as the use of space there could be similar patterns if not coincidence. On the other hand, from the chronological point of view, the material records allow us to understand the chronology of the first time period of colonizing occupation of the territory, thus revealing a pattern of occupation centered in the shore from the arrival of the Portuguese up to the end of the 1700's, and another late pattern that reaches inland from the 1800's on.

Keywords: Bahia State, Brazil, Colonial Archaeology.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABORDAGEM ARQUEOLÓGICA DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO

As contribuições que os estudos dos vestígios de cultura material vêm proporcionando para a compreensão dos processos sócio-históricos acontecidos em um determinado território tem sido um incentivo para as pesquisas arqueológicas no âmbito dos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália¹. Os resultados até agora alcançados demonstram que, de fato, os estudos de Arqueologia conformam uma peça fundamental para a determinação da configuração histórica dessa região, posto que complementam, quando não decididamente substituem, os documentos escritos.

Certos aspectos ligados à ocupação do espaço e ao aproveitamento dos recursos do ambiente já podem ser observados, desde esta perspectiva de estudo. A presença européia, especificamente a do colonizador português, em um universo nitidamente indígena é reconhecida materialmente, através de um conjunto documental que, apesar de fragmentário, registra fielmente a passagem ou a permanência de grupos dessa origem. Neste sentido, os

vestígios materiais servem, efetivamente, como verdadeiros identificadores étnicos.

Assim, por exemplo, a natureza da matéria prima, as técnicas de construção do corpo cerâmico, as formas e tamanho dos vasilhames, as funções atribuíveis e os estilos de decoração das cerâmicas são elementos diacríticos para determinar classes ou tipos e estabelecer com eles a pertinência ou a filiação dos objetos a grupos indígenas (sejam eles de origem tupi ou não) ou, então, ao colonizador português.

Ademais, os mesmos vestígios podem ser interpretados como indicadores temporais, através dos quais chega ser construído um quadro diacrônico das ocupações indígenas ou européias que fizeram uso do mesmo ambiente em períodos distintos e de forma diferenciada.

É em função das possibilidades de referências sócio-históricas intrínsecas destes materiais que podemos estabelecer uma periodização básica que alude à força intrusiva com que o contingente europeu se apresentou diante do mundo indígena. Estabelecemos assim um período pré-colonial e outro colonial, evidenciando a oposição entre aquilo que é europeu, portanto colonizador, daquilo que é nativo ou indígena, ainda que este não fosse homogêneo.

Com esta divisão fica nítido que no processo histórico das instalações humanas no território do litoral sul da Bahia, a chegada do europeu provoca uma transformação radical em vários aspectos da vida das sociedades indígenas, de tal maneira que pode ser considerado como um divisor de águas. Uma percepção diferente da natureza e, conseqüentemente, um modo diverso de apropriação do território e dos recursos do ambiente, instalam-se com o adventício contingente europeu: novos componentes populacionais incorporam-se; instrumentos, tecnologia e formas de produção são experimentados e espécies de flora e fauna exógenas são trazidas e ficam incorporadas à paisagem regional.

¹ Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália são dois dos setenta e dois municípios que conformam o litoral sul da Bahia, sendo os principais da recentemente denominada Costa do Descobrimento.

Tomando como foco de atenção esses dois macro grupos observaram-se as situações arqueológicas que fizessem referência aos grupos indígenas, antes da chegada do colonizador, durante a consolidação do programa colonial e depois, no período independente. Por sua vez, no que tange às populações coloniais atende-se aos locais de ocupação com núcleos urbanos civis e os que são resultado das frentes missionárias. No século XIX as situações arqueológicas mostram outra forma de ocupação territorial, a partir de grupos familiares que constituem unidades residenciais e de moradias. Nosso estudo consiste em recuperar o modo e a intensidade em que esses momentos se refletem na cultura material.

O COLONIZADOR E O INDÍGENA EM PORTO SEGURO: UMA EXPERIÊNCIA DE ATUAÇÃO NO CAMPO DA ARQUEOLOGIA

A região que estamos analisando engloba, além do território do que é hoje o município de Porto Seguro, aquele correspondente ao de Santa Cruz Cabralia, visto que durante muito tempo este formava parte da Capitania de Porto Seguro. A região jogou um papel importante no processo de ocupação territorial do atual estado da Bahia. De fato com a irrupção dos europeus começa nessa zona do litoral baiano um processo de grandes transformações sócio-culturais dos grupos indígenas, por um lado, e dos colonizadores, por outro. A região de Porto Seguro e Cabralia é paradigmática, quanto cenário de contato desses dois contingentes humanos, cujas consequências ainda hoje se refletem no quadro social contemporâneo.

Em uma primeira hipótese levantada a partir dos documentos escritos e dos documentos arqueológicos, podemos dizer que a presença do europeu está limitada, no início, à faixa litorânea que compreende como paisagem natural a Floresta Tropical Úmida (Perenifolia), a denominada mata atlântica, nos tabuleiros e bordas das falecias, às restingas arbórea de praias, e para o interior, a alguns locais sobre as margens dos rios Buranhém e João de Tiba,

âmbito de manguezais, a planície de inundação e de mata atlântica nos tabuleiros imediatos.

O processo de interiorização colonizadora viu-se frustrado pela impossibilidade de comunicação e transporte através da mata atlântica e, fundamentalmente, pela presença constante de grupos indígenas, sob a forma de bandos, que atacavam as instalações de colonizadores e se protegiam na densa floresta. O caso do engenho do Duque de Aveiro, em Santa Cruz de Cabralia, localizado nas margens do rio João de Tiba, nos parece bastante exemplar, quanto à tentativa de ocupação do interior do território e seu prematuro fim, na segunda metade do século XVI. Esta situação de impenetrabilidade só começar a mudar a partir do início de século XIX, já com advento da sociedade nacional, quando o perigo representado pelos bandos de grupos indígenas, desaparece. Até então, a floresta de mata atlântica constitui uma verdadeira barreira à interiorização de grupos de origem européia. Veremos mais adiante como é possível reconhecer esta situação a partir dos vestígios arqueológicos.

As marcas do europeu na paisagem deste território é reconhecida imediatamente pelos ainda existentes núcleos urbanos: as próprias cidades de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia e as vilas de Arraial d'Ajuda, Vale Verde e Trancoso. Em todas elas existe um padrão de assentamento que corresponde aos seguintes critérios: horizontalidade mínima do terreno, amplitude da superfície para a instalação das residências de um grande grupo, proximidade de um curso d'água, controle panorâmico sobre o território vizinho, altura e visibilidade ampla sobre o horizonte marítimo, proximidade, ou pelo menos facilidade de contato com baías, enseadas ou outros acidentes geográficos que permitiam estabelecer zonas de embarque e desembarque. Estas mesmas características são encontradas em outros assentamentos portugueses do período, como o de São Jorge dos Ilhéus e a própria capital do governo geral, Salvador, fundada em 1549 por Tomé de Souza.

Aparentemente não existiu nesse primeiro momento de ocupação colonial uma diferenciação substancial, quanto à seleção do espaço para a construção dos agrupamentos residenciais, entre os núcleos civis e os religiosos ou missões. Ambos os tipos obedeciam ao mesmo padrão. As missões de Vale Verde e Trancoso, assim como o núcleo da ermida do Arraial d'Ajuda, encontram-se na mesma situação topográfica que as cidades de Porto Seguro e de Santa Cruz Cabrália. Ainda podemos agregar mais um exemplo: o do núcleo franciscano do Outeiro da Glória, hoje com escassos vestígios murários, em superfície². Aqui existiu uma capela, que segundo a tradição foi primeira a ser construída no Brasil. De qualquer forma era a sede dos franciscanos na área, chegados antes da instalação da capitania de Porto Seguro, em 1534. Por tanto, parece lógico ter havido também uma residência para os padres missionários desta ordem, junto a essa igreja.

Por sua vez, as missões jesuíticas, iniciadas na segunda metade do século XVI, obedeciam a um padrão organizacional, reconhecível em todos os povoados que ainda hoje subsistem, originários desses aldeamentos³. Esse plano espacial padronizado pode ser encontrado em Abrantes (antiga aldeia do Espírito Santo), no litoral Norte, próximo a Salvador, Vale Verde (ex-aldeia do Espírito Santo dos Índios), sobre o Buranhém, Trancoso (aldeia de São João Batista), no Litoral Sul, a 70 km de Porto Seguro, entre outros (Leite, 1946). O esquema espacial estava constituído por um grande retângulo, correspondente à praça, em cujos lados maiores se dispunham às casas dos indígenas. Em um dos extremos, aquele mais próximo ao mar, encontra-se a igreja, domi-

nando todo o núcleo, por sua posição no centro simétrico e pelas proporções do edifício, que, sem ser de grande tamanho, sempre era maior que as casas dos índios⁴. A seus lados existiam prédios menores, correspondentes à residência dos padres, onde os religiosos, também ministravam suas lições catequizadoras.

O edifício da igreja também parece ter seguido um padrão definido. Pelo menos este é o caso das três vilas mencionadas: uma única nave, retangular, com paredes em tijolos de adobe, com um espaço para altar mor mais reduzido nas partes laterais. Desta maneira existe uma separação nítida entre o espaço dos fieis e o do altar, acentuado por um arco rebaixado, apoiado sobre paredes transversais à nave. Desta forma, cria-se uma separação entre a nave, lugar dos fieis e o altar, domínio dos padres. Na entrada, encontra-se a área do coro, formando uma plataforma elevada por encima da porta. As fachadas por sua vez, são simples, com um frontispício triangular, que acompanha a inclinação dos telhados em duas águas. Na parte superior do frontispício pode haver uma abertura pequena (IPAC, 1988: 361).

Por sua vez, na Cidade Alta de Porto Seguro, o espaço jesuítico, não tendo sido criado para constituir um núcleo de missão e sim como epicentro de atuação missionária, deveu-se adaptar ao traçado urbano e compartilhar o platô com outros edifícios. De fato a igreja tem uma praça na sua frente mais não parece ter tido a retangularidade das missões. Não obstante a visão panorâmica sobre o horizonte marino está assegurada, no espaço jesuítico, pelo colégio anexo. A igreja está orientada para um declive em direção à foz do rio Buranhém e não diretamente para o mar aberto. Não

² Um trabalho de escavação sistemática foi empreendido pela UFBA, em 2000, através do NAPAS, dentro de um programa de pesquisa e musealização de locais de referência histórica, coordenado pela diretora do Departamento de Documentação e Identificação do IPHAN, museóloga Célia Corsino. Os trabalhos de campo, a cargo do arqueólogo Luiz Viva Nascimento, permitiram recuperar alguns restos de materiais relativos ao edifício da igreja, que corresponderia a um período posterior à primeira construção.

³ No caso da aldeia do Espírito Santo ou de Patativa, atual povoado de Vale Verde, a igreja se encontra do lado mais próximo ao rio Buranhém.

⁴ As escavações para a evidencição dos restos do chamado Colégio dos Jesuítas também foram executadas no âmbito do NAPAS/UFBA, dentro do programa levado a cabo pelo DID/IPHAN.

obstante estas diferenças, aqui também a igreja de São Benedito apresenta o mesmo esquema construtivo que o das missões. Hoje, o edifício do prédio do colégio e casa dos padres é reconhecível pelas suas ruínas, em todo o seu perímetro e divisões internas⁵.

Aqui, cabe ressaltar que esta localização dos assentamentos portugueses é coincidente, em alguns casos, com outras de origem indígena pré-colonial. Nos núcleos mais antigos das cidades de Porto Seguro e Santa Cruz de Cabralia, ou seja nas chamadas Cidades Altas, têm sido encontrados material cerâmico e material lítico polido, ambos confeccionados com técnicas indígenas. Soma-se a estes dados o achado ocasional de uma urna funerária encontrada atrás da igreja de Trancoso⁶. Esta urna, retirada pela equipe do Núcleo Avançado de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal da Bahia, proporcionou uma datação por termoluminescência que remonta a uma ocupação de aproximadamente 650 anos BP.

Por outro lado, em Santa Cruz Cabralia, em terrenos de um novo loteamento, o Mirante de Cabralia, próximo à cidade, foram encontrados numerosos fragmentos de cerâmica pintada, que remetem indiscutivelmente a populações Tupiguarani. A área em forma de platô, sobre a qual encontram-se vestígios de um grupo indígena com esta filiação, é enorme, o que poderia indicar que se tratava de uma grande aldeia. As informações provenientes destes quatro núcleos permitem-nos levantar a hipótese de que os locais de assentamento português, no litoral sul, foram também áreas privilegiadas por grupos indígenas que consideraram ideais as condições dos platôs para a instalação de suas aldeias.

Quanto se refere às instalações mais antigas das cidades de Porto Seguro e Santa Cruz

Cabralia, o material arqueológico, especificamente o cerâmico revela uma temporalidade e uma mobilidade espacial que pode ser detectada também nos vestígios arquitetônicos, ainda que hoje, no caso de Porto Seguro, estejam muito alterados. De fato, as prospecções sistemáticas e o acompanhamento de obras de engenharia para a instalação de redes de tubulações de esgoto e água, assim como de linhas de eletricidade subterrânea, têm permitido identificar nos solos da cidade de Porto Seguro, setores com acúmulo de lixo doméstico, que denominamos de manchas arqueológicas⁷.

Através destas manchas, compostas basicamente por material ósseo de animais de criação, material malacológico e fragmentos de cerâmica, foi possível obter certas informações quanto à ocupação funcionalmente diferenciada de algumas áreas da Cidade Alta. Estas manchas revelam também o tempo de ocupação, ou então os períodos no movimento de expansão ou retração dessa cidade.

A proporção de faiança portuguesas, identificada com os primeiros séculos de instalação colonial é muito mais acentuada que na Cidade Baixa, podendo se dizer que nesta é quase inexistente. Os tipos decorativos de faiança doméstica mais frequentes são o de círculos concêntricos, o rendado, também chamado renda de Coimbra, o três contas, o aranhões e o de bordas decoradas com linhas azuis ou marrom paralelas ou entrecruzadas (Brancante, 1981: 263-281). Devem-se mencionar, também, os restos de pratos de faiança blasonada que demonstram a presença de algum membro de uma família de origem nobre residente na capitania⁸.

A maior parte destes fragmentos pertence a vasilhames de uso cotidiano, especialmente

⁵ Acreditamos que pesquisas sistemáticas no espaço atrás da igreja de Trancoso, em direção à falésia, poderão provar se a área arqueológica pré-colonial se estende por todo o platô, visto que até o presente não é frequente encontrar enterramentos isolados.

⁶ Referimo-nos às obras da Empresa Baiana de Saneamento e da Companhia de Eletricidade da Bahia que efetuaram trabalhos entre 1996 e 1999.

⁷ Dois exemplares pelo menos puderam ser atribuídos à numerosa família Silva (Brancante, 1981:270-271).

⁸ Conforme depoimentos de moradores, a coleta residencial de lixo iniciou-se nas primeiras décadas do século XX.

para o serviço de mesa, como pratos, tigelas, malgas, canecos e travessas. Os restos encontrados de material construtivo, tijolos e telhas, assemelham-se ao de algumas construções ainda habitadas, nesta parte da cidade. Fragmentos de porcelana chinesa, popularmente chamada de Macau, por ser o porto chinês de onde eram exportadas para Portugal e outros países ocidentais, também constituem um conjunto razoável de material deste primeiro período de ocupação portuguesa, se pensarmos à importância atribuída à capitania de Porto Seguro.

Por sua vez, na Cidade Baixa, nos setores denominados de Marcos e Pontinha, mencionados já a inícios do século XIX por Thomas Lindley (*apud* Wied-Neudwied) e Maximiliano Wied Neuwied, como locais destinados a uma pequena comercialização regional da pesca e produtos cultivados, aparecem fragmentos de cerâmica dos tipos faiança fina, em especial, a inglesa (Wied Neuwied, 1989:226).

Evidentemente, neste período aumenta a influência européia não portuguesa sobre a sociedade pós-colonial brasileira. Mais uma vez deve ser lembrado, que esta cerâmica começou a ser introduzida no Brasil a partir da abertura dos portos ao comércio internacional, por decreto do rei João VI (Lima et al., 1989:207). A produção de cerâmica inglesa, que já passava por um processo de industrialização nos moldes contemporâneos, teve grande aceitação no mercado brasileiro, difundindo-se em diversas regiões até locais muito afastados, como o sertão sanfranciscano. Os tipos mais frequentes são o Blue Edged, com suas variantes Red e Green Edged, o Willow Pattern, Borrão azul e o Padrão Floral Policromo, padrões decorativos já identificados em outras partes do Brasil (Lima et al., 1989:210-217). É importante destacar que a substituição de faianças portuguesas pelas inglesas, redundou também na incorporação no conjunto doméstico de outros tipos de recipientes alheios aos costumes dos moradores dessa

região, em especial, na área rural, como o caso das xícaras e chaleiras.

Alguns outros fragmentos com marcas de fabricação não inglesa, provam que já adentrado o século XIX, eram introduzidos, em escala reduzida, objetos procedentes de Holanda, Alemanha e França. Juntam-se a estas faianças algumas peças produzidas em grés, especialmente as tradicionais garrafas cilíndricas de bebidas alcoólicas.

A profusão de fragmentos dos tipos de faiança inglesa anteriormente mencionados revela uma ocupação intensiva destas áreas da Cidade Baixa, ao mesmo tempo em que se pode demonstrar seu caráter mais recente. Esta diferença cronológica de ocupação entre Cidade Alta e Baixa é corroborada por documentos oficiais, cartas e notícias de cronistas e naturalistas, como Padre Aires do Casal (1976: 220), Ferdinand Denis e o já mencionado príncipe Maximiliano Wied Neudwied (1989:226), entre outros.

Além desta expansão progressiva para a Cidade Baixa, os fragmentos de peças domésticas diferenciam áreas de avanços e retração na ocupação do espaço urbano. Por exemplo, a Cidade Alta têm concentrações de material arqueológico doméstico, verdadeiras lixeiras residenciais, em locais onde hoje não existem mais casas⁹. Igualmente, algumas estruturas murárias remanescentes em ruínas ou apenas esboçadas no solo, evocam linhas de edificação e concentração de habitações. Com elas podem ser recuperadas antigas linhas de edificação, ou arruamento, que hoje não existem mais¹⁰.

Ainda com relação às faianças inglesas do século XIX, podemos observar que elas estão presentes em locais que correspondem a antigas unidades residenciais e de produção (especialmente fornos e casas de farinha domésticas). Estas unidades familiares encontram-se já não somente nas faixas litorâneas e mar-

⁹ A Cidade Alta de Santa Cruz de Cabralia apresenta-se hoje com um grau de despovoamento maior que a de Porto Seguro, tendo vivido o mesmo processo de abandono por parte dos moradores para se instalarem na parte baixa, próxima ao porto.

¹⁰ A datação de material cerâmico foi feita pela Dra. Sônia Tatumi da Faculdade de Tecnologia de São Paulo.

gens dos rios principais, mas estão localizadas em áreas interioranas. O processo de interiorização (ocupação de áreas das matas fechadas) aproveitou-se da pacificação dos índios, conseguida entre final do século XVIII e início do século XIX. Este fato é bastante sintomático, no que diz respeito aos materiais arqueológicos. Enquanto na faixa litorânea é possível encontrar materiais do século XVII e XVIII – sobretudo faiança portuguesa –, nos sítios correspondentes às unidades residenciais isoladas foram encontrados apenas restos do século XIX. Assim fica de manifesto uma ocupação mais recente e com outras características daquela que aconteceu na área litorânea, isto é, pequenos núcleos isolados, talvez de tipo familiar, combinando na mesma unidade residência e produção.

Nesses mesmos lugares freqüentemente aparece um elemento biológico exógeno que evidencia, em meio à mata de espécies nativas, antigas instalações de origem portuguesa pós-colonial. Trata-se de grandes exemplares de jaqueiras (*Artocarpus integra*), introduzidas no Brasil pelos colonizadores e, conforme pode ser observado, muito utilizada para formar pomares.

Em alguns lugares, hoje desabitados e tomados novamente por espécies arbóreas ou arbustivas nativas, a presença de jaqueiras denuncia uma ocupação antiga. Este é o caso do sítio arqueológico Jaqueiras. Em meio à mata formada por espécies nativas podem-se observar grandes exemplares de árvores de jaca com troncos, cujas bases podiam chegar até 3 m de diâmetro. Próximos a elas apareceram fragmentos de louça inglesa do tipo Blue Edged e Floral Policromo, e os restos de um forno circular, o que configura o local com uma antiga unidade residencial-produtiva.

O ENGENHO DE ITACIMIRIM: INÍCIO DA INSTALAÇÃO PORTUGUESA EM PORTO SEGURO

Durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados por ocasião da instalação da linha de transmissão de energia elé-

trica Porto Seguro – Santa Cruz Cabralia, foram localizados, a partir de sondagens sistemáticas, os vestígios de um antigo engenho do século XVI.

Um grande volume de restos de formas ou moldes pão de açúcar foram os primeiros elementos a serem encontrados e identificados imediatamente pela sua morfologia campaniforme. A abundância deste tipo de vestígios, ferramentas essenciais na produção de açúcar, denota, indiscutivelmente a funcionalidade do local. A área onde se localizavam os restos testemunhais do engenho encontra-se entre as falésias e a praia, atravessada pelo rio Itacimirim. Os vestígios, posicionados a uma profundidade variável entre 35 cm e 1,40 m, estão formados, além dos numerosos fragmentos de formas de pão de açúcar, por alguns fragmentos de faiança branca, cerâmica de torno vermelha e cinza, e objetos diversos em ferro. Na beira e no leito do pequeno rio encontraram-se mais fragmentos cerâmicos de objetos domésticos e dos instrumentos de produção açucareira mencionados, além de blocos de rochas com canaletas que parecem ter sido efetuadas propositalmente.

Os fragmentos de formas de pão de açúcar apresentam uma coloração alaranjada bastante intensa, com núcleo na maior parte dos casos também alaranjado ou marrom claro, o que é indicador de uma boa queima. Ademais um exame macroscópico permite observar que na composição das argilas, que são de granulometria fina, há presença de abundantes partículas de mica. Se comparadas com as argilas da região, abundantes em grãos de quartzo de diferentes tamanhos, cabe deduzir que os objetos para secado e curagem do açúcar, não foram fabricados na localidade.

Consultados alguns cronistas do século XVI, encontramos em Gabriel Soares de Souza uma informação que acreditamos vai ao encontro de nossa hipótese com relação à antiguidade. Segundo Souza existiria para uma data anterior à que ele escreve, 1587, um engenho localizado a meia légua ao norte de Porto Seguro, que teria pertencido a João da Rocha, distância coincidente com nosso achado. Por outro

lado, Souza menciona o rio com o nome de Itacimirim, sendo que hoje essa área é chamada de Itacimirim (Souza, 2000: 46)

Mas a conformação de que se trata efetivamente de um local utilizado no século XVI, provém de uma datação por termoluminescência¹¹. Uma amostra de forma de pão de açúcar estabeleceu uma idade de 510 anos $\pm$ 30 BP, o que permite situar esta ocupação até o início da década de 20 desse século. Esta faixa cronológica, anterior à oficialização das instalações açucareiras no Brasil (1534), confirma o que alguns autores argumentam sobre a coexistência de uma incipiente atividade açucareira com a atividade extrativista do pau-brasil¹².

Cabe ressaltar que todo este material de clara origem colonial, está associado a um número considerável de fragmentos de cerâmica de tradição Tupiguarani, especialmente com decoração pintada, alguns deles remetendo à clássica forma que se convencionou em chamar de assadores. Junto a eles, achou-se um tembetá de quartzito esverdeado, polido, de aproximadamente 10 cm de comprimento e 1 cm de diâmetro. Datações por termolu-

minescência confirmam esta sincronicidade. O fato de encontrarmos material indígena no mesmo estrato do material português compõe uma situação de contato perfeitamente identificável, salientando esse momento inicial de colonização, em que as relações entre portugueses e colonizador eram muito estreitas.

Os estudos arqueológicos levados a cabo na Costa do Descobrimento (municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália), permitem identificar, através dos vestígios materiais, a forma em que foi se processando a ocupação humana na região. Os fragmentos de objetos e os restos de instalações funcionam como elementos diacríticos de cada grupo, facultando o reconhecimento não só de funções e temporalidade, mas também de situações sociais em que esses grupos se viram envolvidos. A arqueologia apresenta, assim, uma contribuição para a história regional, estudando “documentos” materiais que complementam ou então substituem os documentos escritos e, no caso das populações indígenas, contando uma história anterior ao colonizador, que de outra forma não poderia ser conhecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANCANTE, E. F. 1981. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo.
- CASAL, M. A. de. 1976. *Coreografia Brasilica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*. São Paulo, Edusp.
- IPAC-BA. 1988. *Litoral Sul*. Salvador, Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, v. 5.
- SOUZA, G. S. de. 2000. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco.
- LEITE, S. 1946. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livraria Portugália.
- LIMA, T. A. et al. 1989. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. *Dédalo*, São Paulo.
- PIRES, F. T. F. 1994. *O ciclo do açúcar: antigos engenhos do Brasil no Brasil*. São Paulo, Icatu.
- WIED-NEUDWIED, M. de. 1989. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp.

¹¹ PIRES, F. T. F. 1994. *Antigos Engenhos de açúcar no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.